

Negação e Pós-verdade:

Mecanismos Psíquicos no Processo de Disseminação e Aceitação de Conteúdos Falsos¹

Luciano Guimarães Só de CASTRO²

José Isaías VENERA³

Universidade do Vale do Itajaí, Univali, SC

RESUMO

Este trabalho analisa os mecanismos subjetivos que mobilizam a circulação de *fakes news* na Internet. Como um fenômeno que marca o nosso tempo, as *fake news* podem ter afinidade psíquica com grandes mobilizações sociais, como tal como explica a teoria freudiana em *Psicologia das massas e análise do eu* (1990). A primeira parte do artigo se detém ao mecanismo psíquico da negação (*Verneinung*). A segunda se volta às *fake news*, tendo como fonte principal os resultados das checagens da Agência Lupa no mês de março de 2020 sobre o início a pandemia no Brasil. Na terceira parte, utiliza-se a ferramenta *Google Trends* para investigar o destaque de palavras, como “pandemia” e “cloroquina”. Com o estudo de natureza bibliográfica e qualitativa, conclui-se que são necessários recorrer às categorias subjetivas, como o mecanismo de negação, para analisar o fenômeno das *fake news*.

PALAVRAS-CHAVE: mecanismo de defesa; negação; psicanálise, *fake news*; pós-verdade.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda o fenômeno da desinformação, negação e produção de *fake news* à luz da teoria psicanalítica. Parte-se da compreensão do mecanismo psíquico da negação (*Verneinung*), desenvolvido por Sigmund Freud (1925/1996) e a teoria psicanalítica. Os temas sobre as *fake news* e pós-verdade relacionados com a nossa sociedade são apresentados a partir da crítica à pós-modernidade e suas consequências atuais no mundo da informação. Mostra-se o desgaste nas narrativas vigentes e a exploração de conteúdos emocionais, passando a ocupar, em muitos casos, o lugar de verdade. Processo que indica o declínio da informação construída a partir de fatos. A informação está ancorada nos fatos, a qual constitui a base do discurso

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduado em Psicologia e Mestre em Filosofia, acadêmico do curso de Jornalismo da Univali. E-mail: lgs.contatolivre@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo, da Univali, e de Publicidade e Propaganda, da Univille. E-mail: j.i.venera@gmail.com

jornalístico. Percebemos uma multiplicação de discursos negacionista em detrimento de informações ancoradas em fatos.

No cenário político, não é a voz da *polis* em disputa de forças da sociedade que se destaca. A disputa, cada vez mais, se dá através do antagonismo e imposição de um discurso (FOUCAULT, 2012) que busca o convencimento por estratégias que sobrepuja o valor humano, como os discursos de negação da pandemia, colocando em risco a vida.

Nesse contexto, o campo da psicanálise oferece um caminho de análise do fenômeno, partindo da compreensão dos mecanismos de defesa como proteção do próprio sujeito como forma de suportar a realidade. Estruturas psíquicas que compõe as subjetividades encontram ecos nas *fake news*, que simulam verdades para construir uma realidade suportável. Realidades sem ancoragem em fatos dão corpo à chamada pós-verdade, ou seja, verdades falsas que adquirem, no imaginário social, valor de verdade.

Para mostrar o falseamento das notícias, recorreremos a Agência Lupa (2020a) de verificação de conteúdos falsos na internet. Para amarrar esse debate, o artigo tem como fonte empírica os resultados da ferramenta *Google Trends*, de março de 2020, por meio da qual verifica-se os conteúdos prevalentes no embate da atenção do público, após declaração da Organização Mundial da Saúde (OMS) decretando a pandemia mundial pela contaminação do novo coronavírus.

MECANISMOS DE DEFESA

Antes de abordar o falseamento da realidade por meio de conteúdos falsos, vamos expor a noção de negação a partir da teoria de Sigmund Freud (1996). A palavra negação em português detém em sua etimologia tanto o sentido de negatividade e a ação fusionadas (NAGAÇÃO, 2020). Esse movimento ainda traz uma oposição ao positivo. Esse polo subtrai o positivo. Entre os polos de elucidação e obscuridade, a negação encontra-se na obscuridade. Essa ação de uma negatividade está presente na negação. Os fatos são negados. A realidade é negada. A ciência é negada no movimento negacionista. A negação neste momento se transforma em ideologia. Ideia de negação. O ser humano utiliza de seu aparato cognitivo para rejeitar e transformar essa ideia em produto de seus interesses. Para além da negação, contrária ao pólo positivo, encontramos na psicanálise uma estruturação desta ação em uma atuação do inconsciente frente a realidade. Com a linguagem expressando o inconsciente Freud em 1901

escreve “Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana” (FREUD, 1996), no qual refere que ele, o inconsciente, está presente nos lapsos da fala, os atos falhos.

A trilogia da negação (*Verneinung*) em Freud é verificada pelo *recalque* (*Verdrangung*), típico do neurótico; a *denegação*, desmentido ou perversão (*Verleugnung*); e a *rejeição*, repúdio ou forclusão, visto nas psicoses (*Verwerfung*). Três caminhos para a solução do reprimido pelo mecanismo da negação. Por esta razão chamamos de mecanismos de defesa (*Abwehrmechanismen*) “não apenas em reivindicações pulsionais, mas em tudo o que pode suscitar um desenvolvimento de angústia: emoções, situações, exigências do superego, etc.” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1970, p. 358).

As três instâncias da negação podem ser visualizadas, então, na gradação: recalque, denegação e rejeição. Os juízos morais tendem a levar, muitas vezes, a reducionismos maniqueístas, mas Freud amplia sobre três modelos de compreensão psíquicos: dinâmico, topográfico e econômico, descritos no capítulo sete da *Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900/1996). Este fato é que Freud tinha em mente quando, em seus escritos, reconhece a psicanálise como científica, apesar da falta de métodos rigorosos em sua época (FREUD, 1940/1996).

Sobre o conceito do recalque (*Verdrangung*) temos em vista o esquecimento ou melhor a viseira que impede o contato do consciente com o objeto traumático, “mantendo algo afastado da consciência” (SOUZA, 2010, p. 113). A personalidade neurótica fantasia a realidade para lidar com ela, um dos caminhos para entender a adesão a conteúdos falsos. Pela impossibilidade de chegar ao seu desejo devido ao trauma sofrido internamente no processo de construção da subjetividade e, posteriormente, pelo sentimento de culpa inculcado pela sociedade, a dita repressão (*Repression*). A neurose acaba se tornando a via pela qual fica escondido o desejo inconsciente do sujeito. Este fato foi exatamente o que Freud e Breuer (1895/1996) observaram em seu trabalho com as histéricas, pois seus desejos eram reprimidos e acabavam por desenvolver distúrbios corporais severos, as chamadas conversões. A denegação (*Verleugnung*) é abordada como um mecanismo interno de proteção dos acontecimentos externos. O sujeito utiliza-se da realidade a seu modo, buscando um benefício ainda que haja um prejuízo em relação às alteridades. É um tipo de distorção, cujo aspecto da personalidade se utiliza de elementos da realidade para servir em seu desejo, pervertendo, criando uma versão própria da realidade que ele possa manipulá-la independente de considerar o desejo dos outros. Por não ser um delírio ele acaba por ter a aparência de funcionar adequadamente na sociedade ainda que a corrompa sempre que possível. A utilização de uma pessoa como uma coisa, um fetiche, objeto mágico, é uma das características dessa instância psicológica. (FREUD, 1927/1996).

Através da rejeição (*Verwerfung*) encontramos um maior distanciamento da realidade. Chamamos de psicótica aquela que fragmentou a integridade de seu eu próprio, cindindo profundamente com as fantasias e, portanto, criando no lugar delas, alucinações. A alucinação tipicamente paranoide do juiz Schreber (FREUD, 1915/1996) é o melhor exemplo disso ao romper inclusive ao considerar-se uma mulher e ser penetrado pelos raios solares de Deus. Estas observações são reforçadas quando temos em vista outro caso clínico de Freud (1918/1996), o paciente Sergei Konstantinovitch Pankejeff, *O Homem dos Lobos*. Este paciente relatou ter cortado o dedo aos cinco anos de idade e não ter olhado para o dedo cortado. Este fato apresenta o modo particular no qual o *Homem dos Lobos* lidou com um sofrimento de cunho traumático, mudando a realidade de sua percepção para um objeto exterior a ele, devido ao profundo temor à castração de seu pai. Por ser tão insuportável, não era vivido de maneira fantasiosa, mas sim na forma de uma alucinação. Eis a diferenciação entre o recalque (*Verdrängung*) e o mecanismo da Psicose (*Verwerfung*).

A repulsa da realidade com a força do ódio é um movimento refratário ao outro que representa ameaça. Através do ódio com a utilização de um tipo de linguagem, rompendo assim com a realidade visível, principalmente na atualidade com virtualidade da internet, extraímos a fragmentação da realidade com a imputação de um culpado pelo sofrimento. Em um transtorno de conversão histérico no fenômeno da *belle indifférence* descrito por Freud e Charcot (1895/1996) é possível transpor essa linguagem, desta vez voltada ao outro, em similaridade com esse fenômeno (CASTRO, 2017). Este mesmo fenômeno é observável nas redes sociais. Esse indivíduo que destila seu ódio e aparenta um sórdido cruel é o mesmo que diz amar a família. E não podemos duvidar desse amor. Porém, somente é possível que esse ódio venha para fora com um distanciamento dele. A ruptura premente do ego para suportar a necessidade e a utilização da linguagem também como um fetiche. Sendo assim também acompanhada das outras duas formas práticas do desmentido, o sadismo e o masoquismo (STOLLER, 2015). Ainda que haja linhas divisórias entre as personalidades do neurótico recalçado e o fetiche do perverso, encontramos pequenas perversões nas formas adotadas pelo indivíduo ao enfrentar seus conflitos inconscientes. Essa borda difusa não é discutida na teoria freudiana, porém, estamos nos aproximando de uma *pós-verdade* necessitada de uma visão ampliada. Ela necessita de uma *pós-negação* como possibilidade de compreensão da atualidade. Analisando os dispositivos metapsicológicos com a dinâmica indispensável. Esse indivíduo e seu inconsciente tem expressão voltada ao objeto em uma descarga fetichizada. Perversão moldada para um lugar de fetiche. Fantasia colocada em ação. Deslocamento com toda a força de atuação.

A vida neurótica aqui é celebrada como a via de acesso a um tortuoso caminho à felicidade. “Descobriu-se que uma pessoa se torna neurótica porque não pode tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe, a serviço de seus ideais culturais, inferindo-se disso que a abolição ou redução dessas exigências resultaria num retorno a possibilidades de felicidade” (FREUD, 1929/1996, p. 106-107). O criador da psicanálise anuncia como nossa vida está se tornando estéril e fugaz. E por esta razão nossa liberdade começa a nos trair, pois começamos a participar do processo civilizacional com mais ênfase do que jamais pensamos em toda a história.

COMUNICAÇÃO, *FAKE NEWS* E NEGACIONISMO

A verdade no jornalismo é construída a partir da apresentação dos fatos, dos vestígios que compõem determinado acontecimento noticiado. A estrutura narrativa do jornalismo compõe a realidade a partir das mídias, tendo sua origem moderna no século XIX (TRAQUINA, 2012). Por meio da estética dessa estrutura já conhecida de circulação de notícias, na qual integra a subjetividade do consumidor, que as chamadas *fake news* operam, ao se aproveitarem de um modelo rapidamente identificável, como título, linha de apoio, fontes no texto, foto e legenda. O detalhe é que, quase sempre, apenas parte dos dados apresentados tem relação com os fatos, sendo na sua maioria, fatos inventados. Realidade recorrente que fez com que surgissem as agências de checagem dos fatos e, entre elas, a Agência Lupa (2020a) que se declara a primeira verificadora de notícias falsas do Brasil, desde outubro de 2015. Uma das mais atuantes, sendo que em seu *site* podemos pesquisar fatos que circulam na internet e foram verificados com a sua validade.

A metodologia adotada pela agência é a investigação feita por jornalistas em matérias, redes sociais e sites checando as informações. No mês de março de 2020, houve 89 publicações verificadas pela Agência Lupa. Dezenove publicações foram noticiadas como falsas, relacionadas a cura, prevenção ou tratamento da Covid-19. Outras quarenta e duas publicações verificadas como *fake news* tem relação com a pandemia. Chega-se ao número 68,54% de publicações da agência Lupa relacionadas a pandemia (LUPA, 2020a). Esta porcentagem se deu ao final do mês de março de 2020, foi precisamente o mês no qual o Brasil foi comunicado sobre a nova doença.

Na produção da desinformação, os disseminadores de notícias falsas usam de conteúdos de relevância para a audiência. Um dos exemplos que podemos salientar é o grande volume de

notícias distorcidas ou falsas sobre a pandemia de 2020. Em ocorrência na Agência Lupa (2020b), no dia 03 de março, antes que a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretasse a situação de pandemia mundial, circulava nas redes um vídeo indicando vinagre para combater o coronavírus sendo melhor que o álcool setenta por cento recomendado por especialistas e virologistas. No mesmo interesse do público circulou no dia 04 de março (LUPA, 2020c), através da parceria da Agência com o Facebook estabelecida em 2018, a verificação de falsa informação de utilização de vitamina C e água quente com limão para a prevenção ao coronavírus.

O fenômeno *fake* aponta, também, para uma aprendizagem profunda de falseamento da realidade criada pela *deepfake* e a *inteligência artificial*, extrapolando qualquer intenção de manipulação da realidade no mundo físico, como as réplicas do museu de cera Madame Tussauds. Após a Segunda Guerra Mundial vemos a incipiente estetização e a generalização na sociedade, dando luz ao fenômeno chamado de pós-modernidade ou a lógica cultural do capitalismo tardio (JAMESON, 1997; HARVEY, 2008). Como exemplo da estetização do mundo temos o aparecimento de uma sociedade em que a espetacularização ganha força, substituindo tanto conhecimento quanto valores ao superficializar as relações humanas. Esse processo resume o prazer na totalidade da experiência de um sujeito diante de um objeto que lhe surge aos sentidos.

O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade e como instrumento de unificação. Como parte da sociedade, ele é expressamente o setor que concentra todo o olhar e toda a consciência. Pelo fato de esse setor estar separado, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza é tão-somente a linguagem oficial da separação generalizada. (DEBORD, 1997, p. 14)

Neste momento começamos a ver uma aproximação entre os lugares de entretenimento e os de cunho informativo. A informação na sua objetividade precisa de um conjunto de olhares que consubstanciam a coleta de dados adequada sobre os fatos. Ainda nessa escalada tecnológica, observamos o conhecimento ser corrompido pelo *big data*. Esses megadados ficam à disposição para análise, uma vez que ela não é mais possível por meios tradicionais de coleta. Estamos diante de dados não paramétricos, com relação a dados que não podem ser caracterizados por uma distribuição específica, mas por uma rede de atribuições mais complexa devido ao enorme volume de informação processados pela Inteligência Artificial (IA). O processamento das informações deste banco de dados tem trazido para o vocabulário atual essa nova palavra, *big data*, e a discussão sobre as liberdades. O pesquisador bielorusso Evgeny

Morozov (2020a), em sua matéria publicada em 2014 no *The Guardian*, *The rise of data and the death of politics*, deu origem ao livro *Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política* (MOROZOV, 2018), salienta o processamento dos dados e os metadados contribuindo para a vigilância da população. A utilização da orientação desses dados, como forma de manipulação favoráveis a interesses particulares e ideológicos, tem sido denunciada como a nova forma de vigilância das liberdades.

A exposição a esse *big data* possibilita as inúmeras associações para o convencimento em cada particular atividade subjetiva e a interação com o virtual digital. Imaginamos uma decisão sem erro, um desejo imediatamente atendido, um ser humano que não precisa mudar pois acessa um banco de dados que imediatamente lhe indica o melhor caminho a tomar. Pelo contrário, não apenas indica como induz a este caminho. Este fato nos leva justamente ao conhecimento altamente assertivo do algoritmo municiado pelo *big data* e as inteligências artificiais sobre nossas atitudes, sobre nossa personalidade, muito antes de termos a clareza sobre ele em nossa vida. O ser humano, ao contrário da máquina, vive através da falha, da falta e da afetação direta as fragilidades inconscientes.

Como já foi observado, as ciências biológicas afirmam atualmente que todos os mamíferos e todas as aves, e pelo menos alguns répteis e peixes, apresentam sensações e emoções. Contudo, as teorias mais recentes sustentam também que sensações e emoções são algoritmos de processamento de dados bioquímicos. Já sabemos que robôs e computadores processam dados sem ter nenhuma experiência subjetiva; será que isso funciona da mesma maneira com os animais? Realmente, mesmo nos humanos muitos circuitos cerebrais sensoriais e emocionais podem processar dados e desencadear ações de modo completamente inconsciente. Assim, quem sabe por trás de todas as sensações e emoções que atribuímos aos animais — fome, medo, amor e lealdade — se ocultem apenas algoritmos inconscientes e não experiências subjetivas? (HARARI, 2016, p. 96)

A ação racional é impositiva em certa medida protetiva para as relações com a linguagem, as sugestões e falseamentos inevitáveis em nossa limitação cognitiva e emocional. A dificuldade quando estamos falando sobre o inconsciente é que os vestígios deste falseamento e a enganação estão extremamente protegidos por estruturas psíquicas que não podem ser reveladas pelo sujeito enganado. O sujeito sente essa tentativa de clareamento da razão como um ataque direto a sua integridade. Diferente do sentimento de injustiça e revolta por ser enganado por um charlatão, o ataque ao ego é sentido como uma ruptura do próprio ser integral.

Após a inauguração da psicanálise em 1900 e ainda após 1968 nas mudanças críticas sofridas na sociedade não é mais possível ver um fenômeno e retornar ao obscurantismo

anterior ao nascimento das ciências na modernidade. O recorte da sociedade em uma norma de funcionamento próximo ao patológico em uma concepção de pós-verdade invoca todas as dinâmicas de análise do comportamento humano, percepções e estados emocionais envolvidos neste processo, desta forma será possível estabelecer relações com outras metodologias e lógicas disponíveis.

Para a análise histórica de um fenômeno de comunicação, e isso já houve em vários momentos, conseguimos capturar como exemplo dentre muitos a propaganda nazista de Hitler, nas narrativas dos golpes de estado na América Latina na década de 70, ou em fatos em períodos curtos para distorção da verdade por canais de comunicação oficiais de governo. Sobre a Pós-verdade, o artigo de 1992, *The Watergate Syndrome: A Government of Lies*, de Steve Tesich (2020), utilizou o termo para definir o que observava sobre as emoções e desejos de viver em um mundo fustigado pela mentira. No ano de 2016, essa foi a palavra eleita pelo *Oxford Dictionaries* (WORD, 2020) como a palavra que mais atraiu a atenção e influenciou com grande impacto nos últimos doze meses. O próprio dicionário define a Pós-verdade como apelativo às emoções e distanciamento dos fatos objetivos. O que vivemos hoje é um período no qual conseguimos ver além da distorção da realidade um agravamento nas relações pessoais. Os ataques aos fatos também são ataques ao outro e extrapola aspectos persecutórios à integridade do Ego. Do indivíduo passamos para a sociedade em estado de *Pós-verdade*. Pós-verdade já é o que se apresenta entre nós. No artigo da revista *The Economist* (ART, 2020), em setembro de 2016, intitulada “*Art of the lie*”, aponta uma crescente e forte peculiar maneira de apresentação de versões da realidade. O artigo já considera Trump parte importante deste fenômeno acusando a polarização ideológica.” Trump é o principal expoente da política “pós-verdade” – uma confiança em afirmações que “parecem verdadeiras”, mas não têm base nos fatos”.

O momento de instalação da pós-verdade se diferencia das crenças e tradições míticas em relação ao invisível e mágico. Em tradições culturais o mecanismo de defesa procura o ordenamento do simbólico, seja na figura do pajé ou das estórias para crianças para explicar o nascimento sem revelar a condição do relacionamento sexual dos progenitores. A atualidade, facilitada pelo acesso à Internet, esse processo é feito através do ódio e da expulsão do outro que não compactua com o falseamento e desvela os fatos objetivamente. Esse novo simbólico não está pactuado para uma identidade social e cultural na forma de estar no mundo. A construção subjetiva da individualidade tem suas razões na dinâmica do mecanismo de defesa e necessita da confirmação do mundo externo para manter seus traumas em segredo para a consciência.

Esse ocultamento da verdade e o correlato com o termo fetichismo da mercadoria (*Warenfetisch*), tal como apresenta Karl Marx (1994), pode ser feito no sentido de análise social e no afastamento do sujeito com aquilo que ele produz. Em outra vertente atualizada na produção da *big data* e a capitalização deste fluxo de informações por empresas deixam as pessoas de lado em favorecimento ao algoritmo. Morozov (2020b), *The Guardian*, aponta o desvirtuamento da verdadeira ameaça. O alienado de Marx (2010) na obra *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, de 1844, hoje é um dado dentro do algoritmo utilizado pelas empresas que disputam a atenção e o clique deste que nega os fatos e é negado pelo sistema como sujeito e é incentivado a acreditar em seu mundo na bolha digital criada por uma Inteligência Artificial (IA). A direção da alienação está de fora para dentro nessa visão marxista com a opressão e um sistema corrompido. Em outra perspectiva o inconsciente metapsicológico se encaixa ao sistema para suprir o que se torna uma simbiose entre essas espécies: o ser humano e a *big data*.

A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho social total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho. (MARX, 1994, p. 81)

A guerra pela atenção do leitor e a dispersão das *hashtags* (#) colocaram os meios de comunicação nas cordas para a sobrevivência. Observamos regularmente a rede orgânica de informação pautar a grande mídia. Esse movimento orgânico, no entanto, é ainda um caudaloso mundo de robôs (*bots*) e ferramentas de inteligência artificial com grande capacidade de processamento para os algoritmos obterem uma maior eficiência com o público. Da mesma forma que a disseminação dos conteúdos falsos geram engajamento com a inclusão da emoção nos conteúdos, assim também os meios de comunicação necessitam fragmentar a informação e acrescentar o *pathos*, a paixão ou entrega, ao texto. A supremacia da entrega (*pathos*) nas redes supera o costume (*ethos*) e o pensamento (*logos*) nessa era de pós-verdade e o contexto de convencimento e retóricas atuais (BAUER & GLĂVEANU, 2017) turbinada pelo processamento do *big data*. O Watson da IBM ou outra IA relaciona e descobre em seu algoritmo nosso comportamento em frente a tela antes que tenhamos consciência de nossa decisão. O ambiente virtual tornou-se o nosso motivador sem qualquer interpretação para meias verdades na análise de dados. O ser humano nas redes mostra exatamente o que ele consome e para onde o fluxo de dados aponta. Hoje se queremos entender uma sociedade precisamos ter

esse olhar para o ambiente virtual em uma nova eco-ambientação e sua dinâmica (STEPHENS-DAVIDOWITZ, 2018).

ENTRE A PANDEMIA E A CLOROQUINA

No ambiente virtual, nessa nova ecologia, os tópicos com *hashtags* também desinformam tracionando um discurso anticiência, quando líderes fazem a amplificação do negacionismo como saída para as dificuldades enfrentadas por seus governos. A partir de 11 de março de 2020, com o anúncio da pandemia pela OMS, líderes mundiais – como: Donald Trump, nos EUA; Daniel Ortega, na Nicarágua; Gurbanguly Berdimukhamedov, no Turquemenistão; Aleksandr Grigórevich Lukashenko, na Belarus; e Jair Bolsonaro, no Brasil – adotaram a prática de negar a periculosidade do vírus Sars-Cov-2, descoberto na China e que atingiu a humanidade.

O presidente brasileiro proferiu uma série de discursos em *lives* manifestando insatisfação com a realidade da pandemia no país, com reflexo nas redes sociais e com a disseminação das *hashtags* com conteúdo negacionista. Quando analisamos a nuvem de termos pesquisados com a ferramenta *Google Trends* e a marcação das palavras com as *hashtags* há uma congruência com essa dinâmica simbiótica no ambiente virtual. No dia 12 de março 2020, a palavra “pandemia” obteve a sua maior alta na ferramenta de busca. Em 21 de março o termo “cloroquina”, medicamento sem comprovação contra Covid-19, aumenta repentinamente o interesse. Seguindo o interesse concomitante com o termo pesquisado “gripezinha bolsonaro”, relacionado ao pronunciamento do presidente brasileiro minimizando os efeitos da Covid-19.

Somente na semana do dia 12 de abril, o termo “coronavírus”, o grupo de vírus a que pertence o Sarscov-2, vai atingir seu ápice nas pesquisas na internet. Ainda na pesquisa com a ferramenta *Google Trends*, após seis meses da declaração da OMS, a pergunta mais registrada no Brasil no item de busca “O que fazer...” é: “O que fazer se estiver com coronavírus?”. As dúvidas dos contrários e a população alienada, no sentido de submissão a um discurso superior, encontra ressonância em nichos ideológicos para suas angústias e negar o sofrimento inevitável com a realidade. O público vai para o ambiente virtual em busca de informação ou para aderir ao grupo de informações que melhor satisfaz a sua preocupação. O historiador Robert N. Proctor, citado por Tim Harford (2020), alerta para a produção de ignorância e da desinformação como estratégia de grupos econômicos e de interesse político. A *agnotologia* é

o neologismo criado por Proctor para definir essa dinâmica deliberada da ignorância com o auxílio da difusão da informação tendenciosa (HARFORD, 2020).

Os algoritmos impulsionados pelas IAs favorecem a criação de bolhas negacionistas e de discurso único. O uso político desta narrativa estimula o simbólico e estrutura o imaginário necessário em conjunto com a figura do líder carismático. O papel dos meios de comunicação com o argumento pós-moderno de versões da verdade deram espaço nos noticiários para essas manifestações contrárias a ciência. A jornalista britânica da CNN, Christiane Amanpour, abordou esse contexto da mídia e os espaços cedidos aos contrários com o discernimento do equilíbrio, objetividade e neutralidade, porém sem perder o horizonte da verdade. Igualar discursos expõe uma falsa equivalência na cobertura jornalística banalizando a verdade (KAKUTANI, 2018, pp. 90-91). Esse é o cenário ideal para uma população em crise imersa em informações controversas e com poucas convicções utilizar os mecanismos de defesa que referimos anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, observamos o fenômeno das *fake news* e a sua relação com o mecanismo de defesa, chamado negação (*Verneinung*). Para desenvolver o fenômeno e sua relação com a pós-verdade, trabalhamos com o contexto da pandemia da Covid-19. Nosso momento atual é marcado pelo fluxo crescente de conteúdos pelas redes digitais, o que permite a proliferação de informação falsas. Para além dos conteúdos, há, também, um circuito de afetos, como sentimentos de repulsa e ódio como formas defensivas diante do medo decorrente do empobrecimento social, tanto material quanto psíquico. Para trazer uma leitura que leva em conta as estruturas subjetivas, recorreremos à teoria freudiana da negação com uma possível delação neurótica atualizada em nosso tempo.

Soma-se ao mecanismo de defesa, em relação às exigências performativas de alto desempenho social, as fragilidades emocionais das pessoas como impedimentos a investimentos da ordem do desejo. A sociedade pautada, cada vez mais, no desempenho individual, produz, por sua vez, exigências que deixam o sujeito sempre em débito. Cobranças tanto a si mesmo em demandas internas, quanto por demandas externas de engajamento social, lucro rápido, independência financeira precoce frente à um sistema opressivo e desigual. Este fato aumenta o desnivelamento das estratificações sociais e a especulação financeira em oposição ao ideal liberal de possíveis ganhos de futuras gerações (PIKETTY, 2014).

As *fake news* e seu volume desenfreado tem função de manipular a escolha das pessoas, interferir, sobretudo, nas políticas, não somente em âmbito nacional, são realidades falsas que têm interferido em âmbito geopolítico. O fechamento das fronteiras entre países, crescimento da xenofobia, ódio aos estrangeiros, e as disputas pela tecnologia de ponta são alguns dos efeitos. Os fluxos crescentes de conteúdos em redes digitais e a ampliação do acesso à internet têm potencializado usos que descolam as narrativas dos fatos. A contribuição da psicanálise, mais uma vez, é mostrar os mecanismos subjetivos que expõem que indivíduo não é o senhor de sua própria morada (FREUD, 1917/1996). A megalomania humana mais uma vez abalada são limitações de nossos dispositivos de captura e análise da verdade. Estamos entre fronteiras para resolver o impasse da modernidade com risco a democracia e as liberdades.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal.** Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ART of the lie. **The Economist**, Londres, 10 set. 2016. Disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2016/09/10/art-of-the-lie>. Acesso em: 12 ago. 2020.
- BAUER, Martin W. & GLĂVEANU, Vlad P. Comunicação como retórica e argumentação. In: HOOK, Derek; FRANKS, Bradley; BAUER Martin W. **A psicologia social da comunicação.** Petrópolis: Vozes, 2016, pp. 285-309.
- CASTRO, L. G. S. La Belle Indifférence direcionada ao outro. In: Ricardo Timm de Souza; Marcelo Leandro dos Santos; Pedro Savi Neto; Renata Guadagnin. (Org.). **Adorno e Freud: encontros contemporâneos.** 1ed. Porto Alegre: FI, 2017, v. 1, p. 139-146.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- FREUD, Sigmund. & BREUER, Josef. (1893-1895) Estudos sobre a histeria. In: STRACHEY, James (Org.). **Obras completas.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, Vol. II)
- FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. n: STRACHEY, James (Org.). **Obras completas.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, Vol. IV e V)
- FREUD, S. (1921). Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 89-179.
- _____. (1901) Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In: STRACHEY, James (Org.). **Obras completas.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, Vol. VI).
- _____. (1913) Totem e tabu. In: STRACHEY, James (Org.). **Obras completas.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, Vol. XIII).
- _____. (1915) Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença. In: STRACHEY, James (Org.). **Obras completas.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, Vol. XII)

_____. (1917) Conferência XVIII: Fixação em traumas, O Inconsciente. In: STRACHEY, James (Org.). **Obras completas**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, Vol. XVI)

_____. (1918) História de uma neurose infantil. In: STRACHEY, James (Org.). **Obras completas**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, Vol. XVII) FREUD

_____. (1925) A Negativa. In: STRACHEY, James (Org.). **Obras completas**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, Vol. XIX)

_____. (1927) Fetichismo. In: STRACHEY, James (Org.). **Obras completas**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, Vol. XXI).

_____. (1929) Mal-estar na civilização. In: STRACHEY, James (Org.). **Obras completas**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, Vol. XXI).

_____. Esboço de psicanálise (1940). In: STRACHEY, James (Org.). **Obras completas**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, (Edição standard brasileira, Vol. XXIII) p. 168-247.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARFORD, Tim. The problem with facts. **Financial Times**, Londres, 09 mar. 2017.

Disponível em: <https://www.ft.com/content/eef2e2f8-0383-11e7-ace0-1ce02ef0def9>. Acesso em: 14 set. 2020.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Editora Ática, 1997.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**: notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

LUPA. Como a agência Lupa faz suas checagens? **Revista Piauí**, 15 out. 2015. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-fazemos-nossas-checagens/>. Acesso em: 22 set. 2020a.

_____. #Verificamos: É falso que vinagre é mais eficiente que álcool gel na proteção contra o novo coronavírus. **Revista Piauí**, 03 mar. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/03/03/verificamos-vinagre-coronavirus/>.

Acesso em: 22 set. 2020b.

_____. #Verificamos: É falso texto que indica vitamina C e água quente com limão como prevenção contra o novo coronavírus. **Revista Piauí**, 04 mar. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/03/04/verificamos-vitamina-coronavirus/>. Acesso em: 22 set. 2020c.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. 6 vols. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**: A ascensão dos dados e a morte da política. Tradução Claudio Marcondes. São Paulo: Editora UBU, 2018.

_____. The rise of data and the death of politics. **The Guardian**, Londres, 20 jul. 2014. <https://www.theguardian.com/technology/2014/jul/20/rise-of-data-death-of-politics-evgeny-morozov-algorithmic-regulation>. Acesso em: 22 set. 2020a.

_____. Moral panic over fake news hides the real enemy – the digital giants. *The Guardian*, Londres, 08 jan. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/jan/08/blaming-fake-news-not-the-answer-democracy-crisis>. Acesso em: 20 ago. 2020b.

NEGAÇÃO. In: **Dicio**: Dicionário Online de Português, definições e significados de mais de 400 mil palavras. 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/negacao/>. Acesso: 24 ago. 2020.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

SOUZA, Paulo César de. **As palavras de Freud**: o vocabulário freudiano e suas versões. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

STEPHENS-DAVIDOWITZ, Seth. **Todo mundo mente**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

STOLLER, Robert. **Perversão**: a forma erótica do ódio. São Paulo: Hedra, 2015.

TESICH, Steve. A Government of Lies. **The Nation**, 06 jan. 1992. Disponível em: <https://www.questia.com/read/1G1-11665982/a-government-of-lies>. Acesso em: 22 set. 2020.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, v. 1, 2012.

WORD of the year 2016. **Oxford Languages**, Oxford, 2016.

Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em: 12 ago. 2020.